

LINGUASAGEM

E O CAIPIRA VAI PARA A ESCOLA

Joyce Elaine de Almeida BARONAS¹

RESUMO

Pretende-se, na presente pesquisa, propor uma sugestão de trabalho envolvendo questões relacionadas ao dialeto caipira. Para isto, primeiramente serão tratados temas específicos da Sociolinguística, mais especificamente a respeito de norma e de variação linguística; em seguida, serão comentados estudos relacionados ao dialeto caipira e, finalmente, serão analisadas músicas em que tal dialeto se apresenta, contribuindo para a manutenção de identidade do caipira e contribuindo para a identificação estética da obra. Serão evidenciados traços característicos do dialeto caipira, como por exemplo, o rotacismo, a metátese, a iotização e a falta de concordância verbal e nominal, a fim de buscar a origem desses fenômenos. Tal pesquisa pretende, pois, apresentar possibilidades de abordagem da variação da língua, evidenciado a natureza de determinados fenômenos que são preservados no dialeto caipira, o que confere sua riqueza cultural.

PALAVRAS CHAVE: normas; dialeto caipira; variação linguística

1. Introdução

O fenômeno da variação da língua no Brasil, embora muito estudado por pesquisadores dos estudos linguísticos, enfrenta resistência ao ultrapassar os espaços acadêmicos, dado que, para a sociedade brasileira, ainda impera a ideia equivocada da existência de uma maneira “correta” de falar em oposição a outras formas linguísticas consideradas “erradas”. No ambiente escolar, na maioria das vezes, a diversidade da língua é também ignorada, pois falta preparo teórico-metodológico para o professor lidar com um fenômeno comum, entretanto incompreendido pela sociedade. Dada tal

¹ Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2005) e pós-doutorado em Linguística pela Universidade de Brasília (2014). Atualmente é professora associada da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: joycealmeidabaronas@uol.com.br

situação, é crucial uma alteração na tarefa do profissional que lida didaticamente com a língua portuguesa no Brasil.

Pensando no distanciamento entre a realidade escolar e os avanços empreendidos no meio acadêmico, busca-se, na presente pesquisa, propor uma sugestão de trabalho envolvendo questões relacionadas ao dialeto caipira. Para isto, primeiramente serão tratados temas específicos da Sociolinguística Educacional; em seguida, serão comentados estudos relacionados ao dialeto caipira e, finalmente, será analisada uma música em que tal dialeto se apresenta, contribuindo para a manutenção de identidade do caipira e conferindo autenticidade ao texto em análise. Serão evidenciados traços característicos do dialeto caipira, como por exemplo, o rotacismo, a metátese, a iotização e a falta de concordância verbal e nominal, a fim de buscar a compreensão desses fenômenos. Tal pesquisa pretende, pois, apresentar possibilidades de abordagem da variação da língua, evidenciando a natureza de determinados fenômenos que são preservados no dialeto caipira, o que confere sua riqueza cultural.

2. Embasamento teórico

Nesta seção pretende-se trazer à tona algumas discussões teóricas que dizem respeito à abordagem da língua em sua diversidade na escola e, para isto, serão apresentadas questões sobre a Sociolinguística Educacional e sobre normas. Posteriormente serão apresentadas algumas considerações sobre o dialeto caipira, dado que o presente estudo pretende abordá-lo.

2.1 Sociolinguística Educacional

Segundo Bortoni-Ricardo (2005, p.114), a Sociolinguística, por volta do século XX, atingia sua maturidade e apoiava-se em três premissas: “o relativismo cultural; a heterogeneidade linguística inerente e a relação dialética entre forma e função”.

As bases do relativismo cultural não aceitam a ideia de superioridade entre as línguas, nem a existência de línguas primitivas ou subdesenvolvidas, defendendo a equivalência funcional entre as línguas. Segundo a autora:

Um pressuposto na concepção culturalmente relativista dos lingüistas e antropólogos no começo do século XX é que não existem línguas primitivas no sentido de terem de recorrer a gestos ou outros expedientes para que a comunicação se efetive. Outro é o da equivalência funcional. Segundo interpretações que se tornaram bastante populares a partir de meados do século XX, a equivalência

funcional entre línguas ou variedades significa que essas se equivalem tanto em sua estrutura quanto em seu uso, ou seja, todas as línguas têm igual complexidade. Sendo assim, afirmavam os primeiros pesquisadores que se dedicaram ao estudo de línguas ameríndias, não há fundamento científico para que um código lingüístico seja mais valorizado que outros. (BORTONI_RICARDO, 2008, p.71)

A segunda premissa, a da heterogeneidade inerente, apresenta um rompimento com a tradição saussureana de caracterizar as línguas como homogêneas. Assim, a variação passa a ser concebida como uma qualidade inerente a qualquer língua. Bortoni-Ricardo (2005, p.114) aponta a afirmação de Labov (1972) de que “a heterogeneidade não só era normal, mas o resultado natural de fatores linguísticos sociais básicos que condicionam a variação de forma sistemática.”

A terceira premissa, segundo Bortoni-Ricardo (2005, p114-115), “promovia a mudança de foco”, pois centrava-se na função e no uso da língua e não na estrutura. Essa premissa “ênfatiza o contexto de uso da língua”. Cabe ressaltar que, a partir desta premissa, são considerados, no estudo da língua, não só os aspectos linguísticos que abarcam a variação, mas também aspectos culturais.

Assim, o estudo língua não pode vir dissociado da cultura do grupo que a utiliza o que muito pode contribuir para o ensino da língua na escola, uma vez que o professor, ao se propor a ensinar a língua portuguesa nas escolas brasileiras, de acordo com esta premissa, deve repensar toda sua postura em relação à língua, considerando a forma linguística e os aspectos culturais dos alunos com que irá lidar.

Tais premissas constituem uma proposta de alteração no ensino da língua nas escolas do Brasil; segundo Bortoni-Ricardo (2005, p.130), é necessário o desenvolvimento de uma “pedagogia sensível às diferenças linguísticas e culturais dos alunos”. Para a autora, tal tarefa exige “uma mudança de postura da escola _ de professores e alunos _ e da sociedade em geral”, além disso, a autora coloca que tal mudança deve partir de uma etapa preliminar, na qual devem-se descrever as regras variáveis da fala do grupo de alunos com que se trabalha. Possenti (2002, p.320) corrobora com esta ideia ao propor um “programa mínimo”, relacionado ao ensino de Língua Portuguesa; segundo o autor, “a escola precisa conhecer sua clientela. No caso, as características efetivas da língua ou do dialeto de sua clientela”.

Considerando essa nova postura de ensino de língua, é possível repensar o ensino de língua portuguesa na escola a fim de buscar resultados muito positivos, visto

envolverem questões linguísticas e culturais, capazes de incluir socialmente alunos provenientes de classes menos favorecidas, falantes de diferentes normas.

2.2 Normas

A língua portuguesa do Brasil apresenta diversas normas, apesar disso, a sociedade em geral, distante dos estudos linguísticos, apresenta uma busca incessante de uma língua única, invariável, ou seja, a norma padrão expressa na gramática normativa.

De acordo com Faraco (2002), a norma pode ser considerada um fator de identificação sociocultural. Diante disso a norma culta da língua se destaca por ser a utilizada pelos grupos que controlam o poder social. O autor esclarece a distinção entre norma culta e norma padrão, já que essas costumam ser confundidas, inclusive no meio acadêmico.

Segundo Faraco (2002), norma culta é a norma linguística praticada em determinadas situações (aquelas que envolvem certo grau de formalidade) por aqueles grupos sociais mais relacionados com a língua escrita, enquanto a norma padrão são as formas contidas e prescritas pelas gramáticas normativas.

Por esse padrão ter tido origem de um modelo lusitano praticado por alguns escritores portugueses, não há muita relação entre a norma padrão e o uso; desta forma, o distanciamento entre a norma padrão e a realidade linguística brasileira dificultam a assimilação de tal norma por uma grande parcela da população do país.

Na sociedade brasileira, podem-se constatar empiricamente variadas normas, visto que constituem possibilidades adequadas a determinados contextos, assim há a “norma da casa”, a “norma do emprego”, a “norma dos amigos”, e assim por diante. Pensando desta forma, pode-se associar o conceito de norma à variação, dado que cada norma constitui uma variedade; desse modo, a norma padrão e a norma culta fazem parte de um conjunto composto de outras normas que representam as variedades do português do Brasil. Assim, há diversas normas na Língua Portuguesa do Brasil, o que constitui a variação da língua. Entre as diferentes normas do Brasil, há o dialeto caipira.

2.3 O Dialeto Caipira

Em 1920, Amaral enfoca o falar característico de moradores de zona rural paulista, nomeando-o *dialeto caipira*. Em seu estudo, o autor afirma que esse dialeto sofreu alterações em função do meio social, mas ainda existe em determinadas regiões:

Hoje, ele (o dialeto caipira) acha-se acantado em pequenas localidades que não acompanharam de perto o movimento geral do progresso e subsiste, fora daí, na boca de pessoas idosas, indelevelmente influenciadas pela antiga educação. Entretanto, certos remanescentes do seu predomínio de outrora ainda flutuam na linguagem corrente de todo o Estado, em luta com outras tendências, criadas pelas novas condições. (AMARAL, 1920, p. 42)

Cabe ressaltar que atualmente o dialeto caipira, embora se encontre disperso, ainda se encontra espalhado pelas diversas regiões rurais do Brasil. Além disso, suas marcas se evidenciam na fala de grande parte da população urbana, visto que o Brasil era totalmente rural no início, havendo o processo de urbanização que teve seu auge no século XX. Com isso, grande parte da população brasileira tem antecedentes rurais, conforme aponta Bortoni-Ricardo (2011). Segundo a autora, com o processo de urbanização, os dialetos rurais se transformaram em variedades urbanas não padrão, isto como consequência de uma mudança do modo de vida dos migrantes do campo:

A migração de massas do campo para as cidades, a introdução em áreas rurais de um modo urbano de vida juntamente com a tecnologia e um alto nível de movimento populacional inter-regional são, hoje em dia, as características fundamentais da sociedade brasileira e devem ser compreendidas no contexto de um país em desenvolvimento que só recentemente emergiu de uma economia predominantemente agrária e é marcado por sérios desequilíbrios regionais e por uma perversa e persistente concentração de renda. (BORTONI-RICARDO, 2011, p.12)

O dialeto caipira, embora tenha suas raízes no ambiente rural, dado o processo de urbanização, estendeu muitas de suas marcas para a fala dos moradores da cidade. Apesar disso, há marcas deste dialeto que permanecem como específicas do dialeto caipira, trata-se de marcas que, em sua maioria, quando presentes no meio ambiente urbano, sofrem estigma. Dado o preconceito a essas marcas, seria importante que a escola tratasse dos casos de estigma com maior cuidado, levando o aluno a compreender a origem de determinados fenômenos linguísticos, peculiares ao dialeto caipira.

Cabe ressaltar que o objetivo desta proposta não é ensinar a falar o dialeto caipira, sabe-se da importância da aquisição da norma culta, entretanto faz-se necessário desmistificar o preconceito a ele relacionado e isto é possível a partir da compreensão das características próprias deste dialeto e do reconhecimento de sua riqueza cultural.

Dadas tais considerações apresenta-se, a seguir, análise de uma música caipira a fim de evidenciar características próprias do dialeto caipira.

3. Análise

Esta seção é destinada à análise, e, para isto, apresenta-se, a seguir, a letra da música “Viola Quebrada”, de Mario de Andrade.

Viola quebrada

1. Quando da brisa no açoite a frô da noite se acurvou
2. Fui s'incontrá co'a maroca, meu amor
3. Eu tive n'arma um choque duro
4. Quando ao muro já no escuro
5. Meu oiá andou buscando a cara dela e não achou

6. Minha viola gemeu
7. Meu coração estremeceu
8. Minha viola quebrou
9. Teu coração me deixou

10. Minha maroca resorveu para gosto seu me abandonar
11. Pruquê os fadista nunca sabe trabaiá
12. Isso é besteira que das frô que bria e chera a noite inteira
13. Vem dispois as fruita que dá gosto de saborear

14. Pru causa dela eu sou rapaz muito capaz de trabaiá
15. Os dia inteiro e as noite inteira capinar
16. Eu sei carpir pruquê minh'arma ta arada e loteada
17. Capinada co'as foiçada dessa luz do teu oiá

Autor Mário de Andrade

Voz: Grupo Viola Quebrada

A música “Viola quebrada”, composta por Mario de Andrade, retrata a linguagem de um homem do campo, de um “fadista”, um caipira que canta e toca sua viola. Esse tipo de canção é tributária das cantigas portuguesas dos séculos XII e XIII. Foram incorporadas à nossa cultura pelos tropeiros brasileiros a partir dos séculos XVIII e XIX. Era a música tocada e cantada por esses profissionais durante as suas árduas jornadas tocando tropas do sul do país até o interior de São Paulo. No texto, o poeta retrata a perda de um amor, porque “os fadista nunca sabe trabaiá”; constata-se aí uma

visão negativa a respeito daquele que se ocupa da arte de cantar. A ideia negativa à arte de cantar é contestada pelas afirmações presentes nas linhas 12 e 13: “Isso é besteira que das frô que bria e chera a noite inteira/ Vem dispois as fruita que dá gosto de saborear.” Verifica-se, neste trecho, uma comparação com flores a fim de expressar ideias positivas à arte de cantar. Há poesia na canção, já iniciada por uma metáfora na primeira linha da canção: “Quando da brisa no açoite a frô da noite se acurvou” (linha 1).

Nesta parte inicial do texto, pode-se identificar o registro do fenômeno da prótese, no item “se acurvou”. Segundo Amaral (1920, p. 54), a protese é comum no falar caipira. Coutinho (1958, p. 157) aponta casos de prótese na evolução do latim para o português, como por exemplo: stare/ estar, scribere/ escrever.

Há, no texto, registros do processo fonético nomeado iotização, nos seguintes vocábulos: *oiá* (linhas 5 e 17), *trabaiá* (linhas 11 e 14), *bria* (linha 12).

Mendonça (1935, p. 112) afirma ocorrer esse processo devido a uma influência africana. Já para Melo (1981), essa transformação pode ser uma influência românica ou africana. Apesar de apontar as duas hipóteses, o autor dá preferência à segunda: Sem embargo, porém de ser evolução românica a lh/y, sou inclinado a explicá-la, aqui no Brasil, por influência africana, uma vez que o fato ocorre de regra nas zonas mais africanizadas, sendo quase geral num ponto intensamente trabalhado dos negros, São João da Chapada, em Minas, segundo nos informa Aires da Mata Machado (MELO, 1981, p. 81) A despeito da hipótese da origem africana, vale ressaltar que, em Portugal, esse fenômeno também foi identificado; segundo Boléo (1943), no distrito de Ponta Delgado, designadamente na povoação de Arrifes, ainda se usava esta pronúncia: “orvaio, carríe (carrilho, nome do carolo = interior da maçaroca, depois de tirados os grãos), ovêias, coêio, cestíias (cestilhas, instrumentos para caçar pássaros), abêia, borraio, joeieira, ajoiear (ajoelhar)”. (BOLÉO, 1943, p. 47).

Há também o processo do rotacismo, que constitui a alteração no l em r. Tal fenômeno se identifica em: *frô* (linhas 1 e 12). Nesses vocábulos identifica-se, a troca do l pelo r. Segundo Amaral (1920) no dialeto caipira, o l, quando subordinado a um grupo de consoantes, muda-se em r. O autor ainda comenta: “Esta troca é um dos vícios de pronúncia mais radicado no falar dos paulistas, sendo mesmo frequente entre muitos dos que se acham, por educação ou posição social, menos em contato com o povo rude” (AMARAL, 1920, p. 52).

Nascentes (1953) aborda essa questão, afirmando que tal caso deve ser visto à luz da fonologia. Segundo o autor:

A oposição entre laterais e vibrantes no Novo Mundo tende a enfraquecer-se ou a desaparecer. Os casos de r por l (assim como os de l por r), por abundantes que sejam, não constituem um cambio fonético, um processo articulatório que afete a constituição do sistema fonético, mas sim casos de trocas entre dois fonemas que existem e continuam existindo no sistema fonético funcionante. (NASCENTES, 1953, p. 54-55)

Cabe ainda ressaltar outro caso de rotacismo, que ocorre em trava silábica: *n'arma* (linha 3), *resorveu* (linha 10), *minh'arma* (linha 12). Amaral (1920, p. 52) afirma ser natural tal transformação no dialeto caipira quando o l está no final de sílaba, como por exemplo: tal/ tar. No português falado hoje em grande parte da região brasileira, o uso do l é mera convenção gráfica, pois nesse contexto, ocorreu a semivocalização da consoante l em w.

Boléo comenta a ocorrência deste processo também em Portugal:

No que diz respeito às consoantes r e l, devo recordar que a substituição da segunda pela primeira (marvado, minh'arma) não se encontra só no português popular do Brasil. Depara-se igualmente no português popular de algumas regiões portuguesas. (BOLÉO, 1951, p. 25)

Outro fenômeno linguístico identificado na música é a metátese: *pruquê* (linhas 11 e 16), *pru causa* (linha 14). Nesse caso, o r altera seu lugar na sílaba, ao invés de seguir a vogal, ele a antecede. Mendonça (1935, p. 116) atribui origem africana a este processo. Já, Williams (1975, p. 119) aponta tal fenômeno como uma das evoluções da língua latina para o português e cita como exemplos as formas *geolho/joelho*, *sibilare/silvar*, *fenestram/ feestra/fresta*, entre outras.

Verifica-se também o processo da monotongação, no vocábulo *chera* (linha 12). Segundo Amaral, a redução de ei para e se dá pelo contato com a consoante seguinte ao ditongo. Conforme aponta o autor, o ditongo ei “reduz-se a e quando seguido de r, x ou j” (AMARAL, 1920, p. 50). É exatamente o que ocorre no *corpus*, pois o e é seguido de r.

Outro processo presente na canção é a epêntese, identificado nos termos *dispois* (linha 13) e *fruita* (linha 13). Segundo Coutinho (1958, p.146), “a epêntese é o acréscimo de fonema no interior da palavra”. É, pois, o que ocorre nos vocábulos apresentados, pois ocorre o acréscimo do s na primeira sílaba do primeiro vocábulo e o acréscimo do i também na primeira sílaba do segundo vocábulo.

Com base nos dados analisados, pode-se afirmar que o estudo do dialeto caipira constitui rico material para o estudo da língua, uma vez que, ao abordar tal dialeto, estamos diante de fatos linguísticos antigos, em sua maioria, dado seu caráter conservador.

4. Considerações finais

O presente estudo buscou levantar a importância do trabalho com a variação da língua em sala de aula e, para isto, abordou a necessidade de abordagem das diferentes normas. Em específico, apresentou-se o estudo do dialeto caipira, como uma norma legítima do povo brasileiro, visto que tal dialeto se compõe de fenômenos importantes para o estudo da língua na escola.

Os dados evidenciados na música em análise comprovam a riqueza cultural que traz este dialeto, pois muitos fenômenos constituem itens linguísticos que podem ser resultado de influência de africana, indígena ou ainda refletem a evolução da língua latina para o Português.

Desta forma, pode-se afirmar que a escola deve abordar variação linguística, em busca uma melhor compreensão da língua, entendendo suas raízes, sua constituição.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Amadeu. O dialeto caipira. São Paulo: Anhembi, 1920.
- BOLÉO, Manuel de Paiva. *Brasileirismos: problemas de método*. Coimbra: Coimbra, 1943.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegemu na escola e agora?: sociolinguística e educação*. São Paulo: Parábola, 2005.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola, 2011.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1958.
- FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola, 2008.

- MELO, Gladstone Chaves de. *A língua do Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1981.
- MENDONÇA, Renato. *A origem africana no português do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1935.
- NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.
- POSSENTI, Sírio. Um programa mínimo. In: BAGNO, Marcos. *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002.
- WILLIAMS, Edwin B. *Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

Como referenciar este artigo

BARONAS, Joyce Elaine de Almeida. E o caipira vai pra escola. **revista Linguagem**, São Carlos, v.28, n.1, jan./jun. 2018, p. 226-235.